

## Da minha biblioteca

## Uma Viagem ao Algarve a duas vozes



Adriana Nogueira

Classicista  
Professora da Univ. do Algarve  
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Depois de ler o livro de Diego Mesa, vêm à memória desta cronista uns versos de Camões: «Transforma-se o amador na cousa amada/ por virtude do muito imaginar».

Ao ler o livro de José Saramago, *Viagem a Portugal* (1981), o mesmo terá acontecido a Diego Mesa, escritor natural de Ayamonte e grande apaixonado pelo nosso país, que mantém um blogue intitulado <http://aulajosaramago.wordpress.com>, onde divulga o trabalho que se vai fazendo em prol da disseminação da obra do Nobel da Literatura português, que o inspirou a refazer os seus passos.

Escrito na terceira pessoa, Saramago designa a personagem que percorre o país de lés a lés como «o viajante». E este viajante vai ser, para Diego Mesa, «o outro viajante», já que, assumindo uma personagem equivalente, adota um estilo e retórica reconhecíveis para o leitor.

Tomando como ponto de partida o último capítulo, «De Algarve e sol, pão seco e pão mole», que ocupa 18 páginas na edição da *Viagem a Portugal*, do Círculo de Leitores, e fazendo dele o seu guia de viagem, um novo viajante percorre esta terra, de uma ponta a outra, de carro e de comboio, revisitando os lugares ali mencionados. Naturalmente que, passados mais de 30 anos desde a 1ª edição daquela obra, muitas coisas se alteraram e é bom saber que, na sua maioria, para melhor. Os passos citados de José Saramago aparecem em itálico no texto de Diego Mesa, que muito bem os enquadra.

Não se pense, porém, que este novo viajante apenas repete o

que o outro visitou. É verdade que o usa como guia, mas também faz dele a sua inspiração para novos percursos, como a visita mais demorada a Portimão ou a viagem de comboio entre Vila Real de Santo António e Lagos. Além disso, a *Viagem ao Algarve* tem algumas breves (e úteis) notas de rodapé e, no final, uma boa bibliografia que poderá ajudar o leitor interessado em aprofundar mais o assunto. Para que fique perfeito, só fal-



ta que a próxima edição tenha uma boa revisão de texto.

Precisando de selecionar alguns excertos para aqui constarem, deixou-se esta cronista levar pelo seu interesse especial por ruínas e museus, apresentando dois apontamentos sobre estes tipos de espaços.

#### As ruínas romanas de Milreu

Sobre Estoí, diz Saramago (que ali terá estado, provavel-

mente, entre 1979 e 1981, datas em que viajou para escrever o livro): «As ruínas da vila romana de Milreu [...] estão sujas e abandonadas. Contudo, pelo que ainda conserva, é das mais completas que se encontram no País. O viajante percorreu-as sob um sol de justiça, viu conforme soube, mas sente a falta de alguém que identifique os lugares, as dependências, alguém que ensine a olhar. Mas aquilo que teve mais dificuldade em entender foi uma casa arruinada que está no plano mais alto: lá dentro há man-



Diego Mesa, escritor natural de Ayamonte

jedouras baixas, e estas cortes de gado dão diretamente para habitações que seriam de gente. Por onde entrava o gado? [...].

Já Diego Mesa viu, felizmente, uma outra realidade: «hoje em dia o recinto está devidamente cercado e na entrada foi construído um edifício que serve de receção ao visitante, simples e funcional, com painéis que explicam a história das ruínas. Tem a sorte de vir acompanhado por dois amigos arqueólogos que lhe identificam os lugares, as dependências, que o ensinam a olhar o que a vista alcança, ao contrário do outro viajante [...]. Da casa arruinada de que faz menção o outro viajante também não há rasto [...], a não ser que se trate do edifício novo que se situa no nível mais alto mas que está fechado, pelo que este viajante não pode ver o que o outro viajante viu e muito menos responder às suas

dúvidas. Pelo menos hoje. Porque amanhã saberá que em meados do século XV ou inícios do XVI, sobre as velhas e abandonadas ruínas romanas, foi construída uma casa, hoje restaurada por ser um 'único e precioso exemplo algarvio de arquitectura civil com contrafortes cilíndricos'.

De facto, Milreu está uma obra condigna: quem agora visitar o sítio tem à sua disposição painéis explicativos sobre os diversos espaços que se podem ver ao ar livre e no interior da Casa Rural. E, para poder também acrescentar alguma coisa, esta cronista pediu ao arqueólogo João Bernardes, docente da Universidade do Algarve, que lhe esclarecesse algumas dúvidas, ao que ele gentilmente acedeu, explicando que a casa esteve habitada até meados do século XX. O Estado, entretanto, comprou o espaço e, quando Saramago terá visitado o local, as

obras ainda não teriam começado. E, sim, havia, nessa época, um espaço para o gado, o qual ainda hoje pode ser percebido, numa zona deixada empedrada. A inauguração oficial deste restauro aconteceu apenas em 2003.

#### Uma visita a Portimão

José Saramago pouco diz sobre Portimão, tendo-lhe dedicado apenas um parágrafo com 19 linhas. Como o «viajante foi à igreja matriz e achou-a fechada», fica-se pelo «melhor dela [que] está à vista de toda a gente, e é o pórtico» e parte para Lagos. O viajante espanhol tem mais sorte e encontra a igreja aberta, mas como está a ser celebrada missa e «está cheia a igreja, a abarrotar», vê, igualmente, apenas o exterior. No entanto, não se vai logo embora e nessa noite fica alojado na cidade. Mais uma vez se considera com sorte, porque, da cafeteria do hotel, abrigado do temporal que entretanto se fazia sentir, pôde apreciar o «espetáculo da chuva golpeando com força os vidros» e os «raios que iluminavam o céu de Portimão com a sua luz muito intensa». No dia seguinte foi visitar «o museu que está implantado numa antiga fábrica de conservas, no porto [...]. Aplauda, este viajante, o sentimento, a sensibilidade demonstrada na recuperação do material que conformava a vida dentro da fábrica, e menos o cheiro característico da mesma, quase não lhe falta nenhum detalhe».

Este livrinho tem o tamanho ideal para servir de guia de bolso e um conteúdo que nos deleita: ficamos com vontade de sair de casa e de visitar estes lugares que nos são apresentados com muito carinho por Diego Mesa, cujo modo como relata a simpatia das pessoas que com ele se cruzam, a simplicidade com que pequenas contrariedades são resolvidas, os pormenores artísticos que aprecia, diz muito do seu amor por estas terras e estas gentes.

E esta cronista termina, fazendo coro com Saramago: «É preciso recomeçar a viagem. Sempre».



“ALGARVE EM PRETO E BRANCO”

Até 30 MAI | Posto Municipal de Exposições de Lagos

Exposição de Alexandre Manuel. A sua paixão é fotografar paisagens da região costeira algarvia, onde grava as maravilhas naturais em constante movimento.



“LACUNAS”

Até 12 JUN | Museu Municipal de Loulé

As peças de Ricardo Lopes nascem da vontade de explorar a relação entre as formas, os seus significados e os espaços que ocupam em todas as dimensões físicas e metafísicas da nossa existência